

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

**Memória | Série Extensão EixosTemáticos**

# **PROJETO QUILOMBO D'OITI**

## **UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

**Reitor**

Paulo Cesar Miguez de Oliveira

**Vice-reitor**

Penildon Silva Filho

## **FACULDADE DE ARQUITETURA**

**Diretor Faufba**

Fábio Macêdo Velame

**Vice-diretora Faufba**

Juliana Cardoso Nery

**Coordenadora PPG-AU/Faufba**

Ariadne Moraes Silva

**Vice-coordenadora PPG-AU/Faufba**

Liana Silvia de Viveiros e Oliveira

**Equipe Nappe**

Leo Name (Coordenador)

Any Brito Leal Ivo (Vice-coordenadora)

Alejandra Hernández Muñoz

Junia Cambraia Mortimer

Rodrigo Scheeren

Thais de Bhanthumchinda Portela



**PPG-AU  
FAUFBA**

**NAPPE**  
NUCLEO DE APOIO À PESQUISA E PRODUÇÃO EDITORIAL

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

**Memória | Série Extensão Eixos Temáticos**

## **PROJETO QUILOMBO D'OITI**

### **AUTORES**

Luiz Rogério Rosário dos Santos Junior  
Apoena da Silva Ferreira  
André Lima O'dwyer  
Gisa Maria Gomes de Barros Almeida  
Juscar Domingos Nancassa  
Fábio Macêdo Velame  
Liane Monteiro

**SALVADOR, UFBA, 2025**

2025, autores.

Direitos para esta edição cedidos à UFBA.

Feito o depósito legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da  
Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

**Projeto Gráfico**

Rafa Moo

**Editoração e Arte Final**

Cecylle Amaral e Giulia Lagrotta

**Revisão**

Anna Beatriz Lage Fernandes

**Normalização**

Adriana da Gloria Santana

---

Sistema Universitário de Bibliotecas – UFBA

Projeto Quilombo D'Oiti [recurso eletrônico] / Luiz Rogério  
Rosário dos Santos Junior ... [et al.] – Salvador : PPG-AU/  
FAUFBA : NAPPE, 2025.  
26 p. : il. color. ; 21 x 29,7 cm

Memória | Série Extensão EixosTemáticos

Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/43485>

ISBN: 978-65-5631-173-9

1. Quilombos - Brasil. 2. Quilombolas - Bahia. 3. Quilombolas -  
Usos e costumes. 4. Negros - Brasil. 5. Extensão universitária.  
I. Santos Junior, Luiz Rogério dos.

CDD 305.896081

---

Elaborada por Jamilli Quaresma CRB-5: BA-001608

# Sumário

## 6 Introdução

## 8 Primeira etapa: oficinas

- 8 Oficina de técnicas construtivas de terra, tradicional e contemporânea
- 8 Conforto ambiental, infraestrutura e saneamento básico
- 9 Leitura e interpretação de projetos arquitetônicos

## 10 Segunda etapa: Visita de campo - Quilombo D'oiti

- 11 Localização
- 12 Impacto das enchentes
- 13 Aspectos sobre o terreno (topografia, solo, caminhos, distâncias)
- 22 Construções
- 23 Infraestrutura urbana (abastecimento de água, energia elétrica e saneamento, resíduos)

## 24 Terceira etapa: construção dos banheiros e fossa bananeira

## 24 Conclusão

## 26 Referências

## INTRODUÇÃO

Estes dados se encontram defasados favor substituir pelo texto seguinte: Segundo o IBGE (2022) Com 1.814 localidades quilombolas — 21,49% do total nacional —, a Bahia se afirma como um dos maiores territórios de ancestralidade negra do Brasil. Em 2022, o país contabilizava 8.441 localidades quilombolas, das quais a maioria (63,81%) se concentra no Nordeste. Nesse cenário, a Bahia só é superada pelo Maranhão, mas mantém um papel central na preservação de memórias, modos de vida e lutas históricas por reconhecimento e regularização fundiária. A região sul da Bahia é historicamente conhecida pelo grande número de comunidades quilombolas, aldeias indígenas e assentamentos de reforma agrária, destacando-se os municípios de Itacaré, com sete quilombos no seu perímetro, Valença, com nove, e Camamu, com dez, entre outros.

Em meio ao contexto político de acirramento das desigualdades, perda de direitos e aumento da violência, a luta pela permanência nesses territórios encontra-se ameaçada. No contexto da pandemia de covid-19, verificou-se o estreitamento das desigualdades provocado pelo aumento da fome, do desemprego, da falta de moradia e da inexistência do auxílio emergencial digno. Especificamente na comunidade quilombola de Santo Amaro, além do agronegócio e do turismo predatório comuns na região, muitas famílias ficaram impedidas de trabalhar devido à necessidade de isolamento social, sendo a maioria delas formadas por trabalhadoras e trabalhadores autônomos(as) e informais, artesãos etc. que retiraram do território seu próprio sustento e não conseguiram escoar seus produtos nos comércios e feiras.

Cabe ressaltar também o contexto desfavorável às universidades públicas, o que afetou drasticamente as atividades de pesquisa e extensão. Além do congelamento dos gastos públicos para os próximos 20 anos – desde 2016 –, e do corte no orçamento das instituições públicas de ensino, a pandemia de covid-19 dificultou e retardou processos de colaboração entre as universidades e as comunidades e territórios de resistência. Devido às dificuldades orçamentárias e de mobilização dos grupos, muitas atividades de extensão foram suspensas e canceladas num momento de maior intensidade das desigualdades e, portanto, de maior necessidade.

Dessa forma, a Casa do Boneco de Itacaré (CBI) estabeleceu, por meio da Cooperativa Ujamaa, uma parceria com o grupo EtniCidades no sentido de unir forças em torno da defesa da terra e do território, considerando o contexto de desafios e a experiência e as habilidades do grupo.

O trabalho foi dividido em três etapas:

- I. Oficinas de conhecimentos arquitetônicos tradicionais: técnicas construtivas, saneamento, conforto ambiental, representação gráfica e leitura de planta baixa – troca de conhecimentos entre a equipe do grupo EtniCidades e a comunidade em ambiente remoto durante dois meses –, de junho a agosto de 2021;

2. Visita de campo para etnomapeamento: primeiro contato do grupo EtniCidades com a comunidade e com a CIB, levantamento das habitações, equipamentos coletivos, identificando a disposição das habitações, suas tipografias, condições de habitabilidade, equipamentos coletivos – cadeias produtivas, lazer, educação – e necessidades, em fevereiro de 2022;
3. Construção dos banheiros e da fossa de bananeira agroecológica, em março de 2022.

## Sobre

- A CBI é uma associação sem fins lucrativos que, desde 1988, trabalha com a cultura e a educação a serviço da população afro-indígena, na luta por terra, território, recursos hídricos e comunicação. Há mais de 30 anos, promove atividades pedagógicas conceituadas como pedagogingas e a proposta de turismo étnico de base comunitária como forma de enfrentamento ao turismo predatório, ao capital imobiliário e à exploração do território;
- A Cooperativa Ujamaa é uma organização comunitária autônoma fundada em 2019 por educadores comunitários na cidade de Salvador, Bahia, cuja atuação é centrada no fomento de programas de educação e ciclos de economia familiar e comunitária como via de enfrentamento ao genocídio do povo negro.

## Demais membros colaboradores

- Jorge Rasta: Mestre do Quilombo D’Oiti, coordenador do trabalho;
- Dani Jeje: diretora presidente da Casa do Boneco de Itacaré;
- Pedro Maia: cientista social, coordenador da Cooperativa Ujamaa;
- Hugo Xoroquê: membro da Casa do Boneco de Itacaré;
- Nátili Yamas: comunicóloga;
- Cumpade: morador do quilombo;
- Kenya Barreto: educadora comunitária.

## **PRIMEIRA ETAPA: OFICINAS**

### **Oficina de técnicas construtivas de terra, tradicional e contemporânea**

Foi realizada de forma virtual por conta da pandemia de covid-19 e da distância para a comunidade. Nessa oficina, foram levantadas as técnicas de:

- Adobe;
- Superadobe;
- Taipa de Sopapo;
- Taipa de Pilão;
- Solo Cimento.

Foram trazidas as formas de manejo e uso de cada uma delas, além de exemplos de projetos destas tanto no Brasil quanto em África. A taipa de sopapo foi a escolhida pela comunidade pois já a conheciam e a dominavam.

### **Conforto ambiental, infraestrutura e saneamento básico**

Para o conforto ambiental, foram tratados pontos como iluminação, conforto térmico e acústico, além das relações com os fatores ambientais, como incidência solar, regime de ventos, sombreamento, regime de chuvas, iluminação solar direta e indireta, ventilação cruzada e tipos de abertura. Já nas infraestruturas, os pontos tratados foram energia elétrica, abastecimento de água, saneamento básico, comunicação e acessos.

### *Geração de energia - Fontes*

- Rede pública;
- Gerador;
- Energia solar;
- Energia eólica;
- Mini hidrelétrica;

### *Abastecimento de água*

- Rede pública;
- Rios e lagoas;
- Nascente;

- Poços;
- Água de chuva (telhado, terreno etc.).

### *Manejo de águas de chuva*

- Retenção;
- Infiltração;
- Escoamento.

### *Saneamento*

Esgotamento sanitário: Coleta > Tratamento > Destinação

- Fossa séptica;
- Sanitário seco;
- Fossa bananeira;
- Biodigestor;
- Tratamento água da pia, chuveiro e pisso.

Destinação de resíduos: Coleta > Seleção > Destinação

- Lixo orgânico: compostagem;
- Lixo inorgânico: reutilização, reciclagem;

### **Leitura e interpretação de projetos arquitetônicos**

Foram utilizados projetos básicos para a apresentação dos conceitos de:

- Planta baixa;
- Cortes;
- Fachada;
- Cotas;
- Cotas de nível.

Em dezembro de 2021, ao menos 24 cidades localizadas no sul da Bahia ficaram em situação de emergência após fortes chuvas que acometeram a região. As comunidades trabalhadas foram fortemente atingidas. O Quilombo D'Oiti teve seu cais de acesso e quebra mar destruídos pela correntezas, assim como sua cozinha comunitária inundada, a cisterna de captação de água de chuva foi arrastada.

No Quilombo de Santo Amaro diversas pessoas da comunidade ficaram isoladas durante todo este período.

## **SEGUNDA ETAPA: VISITA DE CAMPO - QUILOMBO D'OITI**

Este relatório se refere ao trabalho de diagnóstico realizado pelo grupo entre os dias 25 de fevereiro e 02 de março de 2022 em parceria com a CBI, nos territórios do Quilombo D'Oiti e do Quilombo de Santo Amaro em Itacaré, Bahia. A partir deste documento, foram elaboradas as cartografias do território e o Programa de Necessidades da comunidade.

*Sexta-feira, 25/02/2022*

Iniciou-se a jornada no Terminal Internacional Travessias. Às 8h, atravessamos de *ferry boat* com destino ao Terminal Marítimo de Bom Despacho. Às 9h20, iniciamos nossa viagem de ônibus a Itacaré, onde chegamos às 15h.

Num primeiro momento, nos reunimos com integrantes da CBI para socialização das nossas atividades, com início planejado para o mesmo dia. Ao fim da reunião, às 17h, ficou acordada a nossa ida para o Quilombo D'Oiti às 7h do dia seguinte, no sábado 26 de fevereiro de 2022.

*Sábado, 26/02/2022*

Iniciamos a travessia de barco pela manhã e, ainda nesse turno, nos reunimos no centro de recepção do Quilombo D'Oiti. O objetivo dessa reunião era definir metodologia e atividades desenvolvidas ao longo desse período, do dia 25 de fevereiro a 02 de março. Posterior a isso, nos familiarizamos com território, analisando as imagens de satélite e a planta de localização feita em 2005.

O diagnóstico buscava estudar os seguintes pontos:

1. Perímetro do Quilombo;
2. Caracterização topográfica (aclives, declives, cumeadas e baixadas);
3. Localização das construções;
4. Localização das áreas de mangue;
5. Localização das áreas de vegetação;
6. Localização das áreas de proteção ambiental;
7. Localização das áreas de extrativismo;
8. Localização das áreas de atividades agrícolas;

9. Localização das áreas de compostagem;
10. Localização das áreas de habitação:
  - a. Localização e identificação das nove famílias;
  - b. Definição do Programa de Necessidades das habitações;
  - c. Entrevista com as famílias (cotidiano em relação ao território e às práticas produtivas e culturais);
4. Localização das áreas de manejo de resíduos;
5. Localização das áreas simbólicas;
6. Localização das áreas de memórias coletivas;
7. Localização das áreas sagradas de culto afrorreligioso;
8. Localização das áreas de manifestações culturais;

O percurso se iniciou às 12h, e finalizamos, ao regressar para o centro de recepção, localizado na Ilha OI, às 17h aproximadamente.

Ao fim desse dia, em reunião geral para discussão dos dados, percebe-se que a metodologia traçada não poderia se manter rígida. Assim, as atividades foram distribuídas ao longo dos quatro dias da seguinte forma:

- Sábado: visita de reconhecimento à Fazenda Modelo Quilombo D’Oiti;
- Domingo: visita de reconhecimento ao território e às famílias do Quilombo de Santo Amaro;
- Segunda: visita de coleta de dados ao território da Fazenda Modelo Quilombo D’Oiti;
- Terça: visita de coleta de dados ao território do Quilombo de Santo Amaro.

Nas visitas de reconhecimento, coletamos materiais através de fotografias, observações escritas e entrevistas orais com quilombolas residentes nos seus respectivos territórios. Para as coletas de dados, dividimos a equipe em subgrupos relacionados com os aspectos citados acima e explanados a seguir.

## Localização

A comunidade quilombola rural de Santo Amaro está localizada às margens do Rio de Contas, em Itacaré, litoral sul da Bahia, e atualmente é ocupada por cerca de 15 famílias quilombolas que extraem do território seu próprio sustento, por meio do extrativismo vegetal, da agricultura e pecuária de subsistência e da fabricação de instrumentos musicais, produtos artesanais e afins.

A Fazenda Modelo Quilombo D’Oiti está localizada na comunidade quilombola de Santo Amaro. A ocupação dessas terras remete ao Quilombo do Oitizeiro, que se estendeu pelo sul da Bahia e é registrado como o terceiro maior quilombo em

terras brasileiras, tendo resistido até o século XIX, quando entrou em confronto direto com o comando geral da Bahia, em 1806 (Liberdade, 1996).

A principal atividade econômica do município é o turismo, que corresponde a aproximadamente 90% do Produto Interno Bruto (PIB). No entanto, o avanço do setor turístico e imobiliário nos últimos anos tem expulsado compulsoriamente as famílias afro-indígenas dos seus territórios tradicionais, seja em quilombos rurais ou urbanos.

Essas comunidades são invadidas pelo capital estrangeiro, que utiliza as terras exclusivamente para fins comerciais, provocando especulação imobiliária e devastação dos biomas, especialmente da Mata Atlântica.

### **Impacto das enchentes**

No período observado a partir dos depoimentos de moradores, notamos a destaca a importância da CBI para a resistência étnica e territorial do Quilombo D’Oiti. Diante da tendência de um êxodo progressivo das famílias, elevado por resultados negativos imediatos das inundações, a entidade materializa alternativas concretas ante as privações de alimentos, moradia e abrigo.

Observamos que, entre os nove agrupamentos, muitos familiares têm optado por permanecer em Itacaré devido às vulnerabilidades acrescidas pelas inundações e pelo retorno presencial das aulas na educação infantil.

Entre os agravos derivados das inundações, elevaram-se os limites de inclusão produtiva. O aparente dano ambiental acarretou duas expressões típicas que repercutem imediatamente sobre a geração de renda no discurso frequente da comunidade, comprometendo a subsistência, o emagrecimento e a desidratação de crustáceos (aratú, caranguejo, siri e gaiamum), além de tanto inibir o consumo local como gerar perda de credibilidade sobre a venda de peixes entre consumidores de Itacaré, conforme relatam pescadores da localidade de Santo Amaro. Por outro lado, há a proliferação exacerbada de espécies vegetais atípicas ao território (vide fotografias), sem a devida informação de valor alimentício, ou nociva ao próprio ecossistema e à situação do solo, na intersecção de Manguezal e Mata Atlântica.

### ***Programa de Necessidades das famílias***

A escuta qualificada dos nove agrupamentos familiares deu-se no período das visitas utilizando-se de observação direta e participante e de entrevista não estruturada. Levantamos o histórico e a estrutura da composição do arranjo familiar, além das relações possíveis entre si em parentesco. A relação da dinâmica familiar na composição do território foi enriquecida com o levantamento da estrutura física dos domicílios e dos riscos e vulnerabilidades em relação ao terreno onde se encontram.

Em termos das necessidades fundamentais para a composição de um programa comum, destacam-se os pontos seguintes:

- Inclusão sanitária;
- Mobilidade: considerando as características pluviais;
- Acessibilidade: que relaciona aclives, declives e estruturas arenosas com particularidades de pessoas com deficiências e outras limitações motoras;
- Acesso à energia elétrica: posteriormente foi instalado um sistema de energia solar
- Acesso à água potável;
- Inclusão produtiva de mulheres e maturação socioeducativa sobre gênero e raça;
- Organização de moradores e equipamentos comunitários em caráter social, religioso e cultural;
- Continuidade e evolução da escolarização.

### **Aspectos sobre o terreno (topografia, solo, caminhos, distâncias)**

A Fazenda Modelo Quilombo D’Oiti abrange cerca de oito hectares de Mata Atlântica preservada, aproximadamente um terço do seu território total que possui três ecossistemas distintos: Manguezais, Restingas e Mata Atlântica. O território dos quilombos D’Oiti e de Santo Amaro se caracteriza por platôs, cumes e vales, além de áreas de charcos. Logo após a chegada no cais da Fazenda Modelo do Quilombo D’Oiti, que não apresenta condições de transitabilidade, pois foi demolido durante a inundação de dezembro, o acesso foi realizado numa área de mangue, que oscila entre as cheias e vazantes da maré do Rio de Contas. Seguimos numa subida brusca de cerca de 70 cm até onde fica um alpendre, que muitas vezes tem função de alojamento e/ou espaço de ensino. Percorremos um pequeno trecho até chegar à cozinha, situada entre os mangues, que se unificam em períodos de maior cheia, como no mês de março, subdividindo a Ilha em duas partes (Figura 1).

**FIGURA 1**  
Mapa ilustrativo Ilha 1



Fonte: produzida pelo autor.

Seguimos pelas três ilhas que se encontram no mesmo nível, tendo a Água Vermelha como marcação da base do barranco. Depois de passar das três ilhas que se distam entre 15 e 25 metros em nível baixo, podemos tomar dois caminhos para o cume desse barranco, onde temos acesso ao galpão. Em um primeiro caminho, contornamos à direita, com acesso à área de experimento de plantio (roça), e um aclice levemente acentuado até o cume. No segundo caminho, à esquerda da Água Vermelha, passamos pelos seis poços cavados por Cumpade e subimos uma duna bastante acentuada. Ambos os caminhos findam no platô onde foram construídas duas edificações: o galpão e a casa provisória de Cumpade (Figura 2).

**FIGURA 2**  
Mapa ilustrativo da relação entre Ilhas 1, 2 e 3



Fonte: produzida pelo autor.

Na parte mais alta continental, conceito utilizado pelos nativos em oposição às Ilhas, encontra-se a parte plana com aclives suaves na cumeada da zona do galpão (Figura 3). Esse platô se estende até os limites da propriedade, com aclives e declives leves, quase imperceptíveis.

**FIGURA 3**  
Fachada do Galpão



Fonte: produzida pelo autor.

A caminho de Santo Amaro, seguimos em grande parte por um platô, até que percorremos um declive acentuado novamente para Água Vermelha. Avançamos pela baixa do barranco até subir um acrivo acentuado até o antigo agrupamento de moradores, já na comunidade de Santo Amaro, localidade hoje esvaziada por um êxodo dos moradores que saíram em retirada a Itacaré. A local descrito conta com a Escola Municipal da Comunidade de Santo Amaro e é um grande platô (Figura 4).

**FIGURA 4**  
Trilha ao Quilombo Santo Amaro



Fonte: produzida pelo autor.

A partir da escola, seguimos por um declive leve até a estrada aberta que liga o primeiro agrupamento ativo com que tivemos contato. Esse agrupamento acontece porque José (Zé), morador antigo, em um momento prévio, cedeu parte de suas terras a outros quilombolas. Esse percurso é feito por terra (Figura 5).

**FIGURA 5**  
Trilha ao Quilombo Santo Amaro



Fonte: produzida pelo autor.

Para chegar à comunidade de Santo Amaro pela via fluvial, entramos em um braço do Rio de Contas (Figura 6). Ao chegarmos na ponte que marca esse acesso, passamos por um acrivo, que estima-se possuir aproximadamente 15 metros de altura – não possuímos na ocasião instrumentos apropriados para realizar as medições, por experiências próprias, estimamos algumas dessas medidas –, e depois seguimos em direção à casa de Zé, percorrendo majoritariamente um terreno pouco acidentado.

Por esses dois caminhos, temos o primeiro contato com a propriedade de Zé, dos seus irmãos – Arivaldo (Bardeado) e Arnaldo (Bujão) –, do senhor Joselito e da sua esposa Maria. Por fim, temos o terreno de Cumpade. Nessa localidade, a casa de Zé fica numa colina, com leve declive para os outros terrenos. Ao fundo da sequência de propriedades, temos, ainda, uma área de charco, consequência do acúmulo de água que percorre a declividade dessas propriedades convergentes (Figura 7).

**FIGURA 6**

Trajeto fluvial até o Quilombo Santo Amaro



Fonte: produzida pelo autor.

**FIGURA 7**

Primeiro terrenos no Quilombo Santo Amaro



Fonte: produzida pelo autor.

Depois de uma subida suave para quem sai do terreno de Bujão, até passar pelo terreno de Joselito e Bardeado, pode-se observar a localização do antigo Terreiro de Mãe Júlia, um terreiro de Nanã num ponto mais alto à direita para quem pretende

chegar na propriedade de Lourdes (Lurdinha), que passa por um riacho de água vermelha em um caminho plano (Figura 7).

Subidas suaves são feitas em direção à casa de Maria de Carmo – também conhecida como Carminha. Depois de uma parte plana, observa-se aclives acentuados entre a floresta bem conservada e os riachos até chegar à casa da senhora Eliane, situada num terreno argiloso com a casa construída no alto. A maioria das unidades habitacionais da região são em madeira (Figura 8).

**FIGURA 8**  
Equipe levantamento, tipologias das casas



Fonte: produzida pelo autor.

### *a. Solo*

Nota-se a predominância do Mangue às margens do Rio de Contas e dos seus braços, e da Mata Atlântica na parte continental descrita (Figura 9).

**FIGURA 9**

Braço do Rio de Contas, reunião, atividades e morfologia da área



Fonte: produzida pelo autor.

O solo no Quilombo D’Oiti é predominantemente arenoso nas ilhas e na parte continental, e, mais acima, no cume do barranco e no grande platô, é superficialmente arenoso e de terra preta na camada seguinte. Acredita-se ser adequado a poucas culturas de plantio de subsistência, não conseguindo suprir a totalidade da diversidade de alimentos necessários.

No Quilombo Santo Amaro, temos características iguais num raio de 1 km a desde a Fazenda Modelo do Quilombo D’Oiti. A partir de um raio de 1,5 a 2 km, observamos formações de solo mais argiloso, propiciando, inclusive, aclives mais acentuados pela capacidade de agregação do solo, um indicativo de que talvez possa ser utilizado para construção em terra.

Dessa forma, nos Quilombos D’Otis ou na localidade de Santo Amaro, pode-se observar culturas específicas. A agricultura de subsistência é quase abandonada e as tentativas de resgate necessitam de técnicas específicas que ajudem a melhorar a terra e a produtividade.

Para a construção, a viabilidade seria medida pelo transporte desse solo mais adentro do continente, para as áreas já demarcadas de cada família.

### *b. Caminhos*

No Quilombo D’Oiti, as ilhas, arenosas e planas, no geral, são de fácil trânsito. Mas as conexões entre elas é feita pelos mangues. A partir da Ilha 03, até o começo do barranco, atravessamos sobre Água Vermelha (Figura 10), o que dificulta o trajeto, já que a ponte, composta por madeiras retiradas da própria localidade, foi

destruída durante as enchentes de dezembro de 2021, necessitando, portanto, de reabilitação. Assim, chegamos ao barranco.

**FIGURA 10**

Identificação da Trilha da Água Vermelha



Fonte: produzida pelo autor.

Existem duas vias principais de acesso entre os quilombos D’Oiti e de Santo Amaro: uma fluvial e a outra continental.

A partir da base do barranco, os trajetos são, na sua maioria, trilhas por terra, permitindo uma permanente comunicação entre as localidades do Quilombo Santo Amaro e do Quilombo D’Oiti, que atravessam terrenos particulares. Os caminhos possíveis são dois, um descrito na Figura 5 e 6, e outro que ladeia os limites a noroeste do Quilombo D’Oiti. Essas alternativas podem ser um desafio na medida em que são cobertas de floresta densa, com árvores muito grandes, mas com certa marcação do percurso.

A via fluvial, por outro lado, é o caminho mais usado pelos moradores da região, embora, na vazante da maré, tenha que ser usada uma trilha pelo mangue para se ter acesso ao Rio de Contas, já que seus braços não estão permitindo o trânsito de barco. Esse caminho, escorregadio e de difícil trânsito, constitui empecilho para pessoas com mobilidade reduzida.

Em caso de transporte, é possível chegar em pontos específicos dos dois Quilombos, mas não podemos afirmar que existe uma rede de vias que possibilitem uma fácil comunicação com a BA e a BR mais próximas de Itacaré. Nesse sentido, em casos de carga de material de construção, por exemplo, vê-se ainda um fator desafiador para a chegada nos dois quilombos.

## Construções

Todas as construções são térreas, de duas águas, com material misto – em alguns casos com a predominância de madeira – e cobertas por telhas de fibrocimento. Um caso particular é o da casa do Quilombos D’Oiti, que utiliza a madeira, a telha de cerâmica e o tijolo. A casa é do tipo de um andar sem pilar de concreto, estando apenas na escada. Através da oralidade, integrantes da CBI nos informaram que, na implantação da cozinha, foi usada a técnica de garrafas pet.

A maioria das casas observadas não tem fundação que possa garantir durabilidade em terrenos encharcados e não apresentam divisões nem janelas que garantam a ventilação cruzada, o que poderia gerar bons índices de conforto térmico. Aquelas que têm a divisão, apresentam apenas de um a dois quartos, com exceção da casa de Carminha que apresenta quase seis quartos – igual ao número de filhos.

Quase todas as famílias têm uma cozinha com forno à lenha e banheiro externo. Vale ressaltar que, nos banheiros, existe apenas a parte de banho, em algumas casas, urinam no chão do banheiro e jogam água, pois não possuem vaso sanitário e essa ausência para eles é cultural – estão habituados a utilizar a mata para evacuar.

Apesar de a população depositar confiança em termos de durabilidade em material moderno, como o tijolo, é possível observar elementos tradicionais na construção das suas casas, a exemplo da utilização de técnicas em barro nas construções mais antigas.

Em relação aos equipamentos infraestruturais e aos serviços básicos, como escolas, hospitalares, assistência social, gestão de resíduos sólidos e saneamento básico, estes são quase inexistentes. A ausência de água potável faz com que as famílias percorram longas distâncias à procura desse precioso líquido. Entretanto, há perspectivas de abertura de um sistema de bombeamento, que sairá de uma nascente localizada em uma fazenda privada nas proximidades desse agrupamento.

Como também não existe rede elétrica, acaba sendo usada a fonte de iluminação solar e outras alternativas, como velas, e, em alguns casos, pontos específicos cedidos para necessidades mais urgentes, como a recarga de pequenos aparelhos portadores de bateria.

Assim, algumas necessidades básicas, como hospital, escola e mercado, são atendidas na cidade de Itacaré. Escasseiam também equipamentos comunitários, mas, para estes, existem lugares escolhidos pelas famílias para a realização de reuniões.

## **Infraestrutura urbana (abastecimento de água, energia elétrica e saneamento, resíduos)**

A comunidade de Santo Amaro não tem acesso às redes de distribuição de energia elétrica, de abastecimento de água e de saneamento básico do município. A iluminação das casas é feita por meio de velas e, quando necessário, fogueiras, que também servem para espantar os mosquitos e animais noturnos.

A madeira é o material mais utilizado na estrutura das casas. Das nove moradias, seis são de madeira, algumas com uma parte de madeira, e outra de bloco e cimento. Em todas elas, os telhados são de telha de fibrocimento simples. É comum a cozinha ser anexada à casa, abrigando um fogão à lenha, mas não é comum encontrar banheiro dentro dela – as necessidades fisiológicas são feitas na natureza.

Não existe coleta de lixo e os resíduos são queimados ou descartados de forma aleatória na maioria das casas. Uma família (Eliene) relatou fazer coleta seletiva.

A área que vai da casa de Manuela e Arivaldo, passando pela casa de Joselito e Maria e pelo terreno de Cumpade, até o terreno de Bujão corresponde a um aterro feito pelos próprios moradores durante a abertura do caminho à frente das casas, com areia retirada de uma outra área do quilombo. O fundo delas dá para uma área de brejo, que costuma alagar com as chuvas. Durante as enchentes de dezembro de 2021, essas casas foram atingidas.

A respeito do acesso à água, a maioria das famílias precisa se deslocar até uma fonte de água natural numa propriedade privada nas redondezas. Embora a propriedade seja privada, o uso para abastecimento da comunidade é consensualizado. Com autorização dos proprietários, a comunidade já instalou três manilhas e uma estrutura de concreto e bloco para facilitar o acesso. Também pretendem construir um sistema de bombeamento da água utilizando uma mangueira – de 1000 a 1500 metros – para conduzir a água até próximo das casas.

Apenas uma família (Eliene), cuja casa está mais afastada geograficamente das demais, possui em sua propriedade uma fonte de água potável. Uma outra família (Joselito e Maria) reserva água em poço, mas, devido à proximidade com o brejo, é inadequada para beber ou fazer comida, serve apenas para lavar roupas e afins. Numa outra casa (Maria do Carmo), passa um riacho no fundo do terreno cuja água servia para consumo humano, mas, com o passar do tempo, esse uso foi suspenso.

A comunidade não possui nenhum equipamento urbano de saúde ou educação, como escolas e postos de saúde. Para acessar esses serviços, é necessário se deslocar até Itacaré, numa viagem de, no mínimo, 50 minutos. Já funcionou a Escola Municipal do Quilombo de Santo Amaro, mas atualmente encontra-se desativada e com o prédio abandonado.

## **TERCEIRA ETAPA: CONSTRUÇÃO DOS BANHEIROS E FOSSA BANANEIRA**

Após a visita de campo, as demandas prioritárias apresentadas foram a entrega de projetos para dois banheiros com quatro baias com vaso e chuveiros, sendo um localizado atrás do galpão e outro na clareira central. Além disso, houve o projeto para uma fossa bananeira que comportasse os dois banheiros e uma ampliação futura. As etapas dos projetos foram acompanhadas de forma virtual. Com a aprovação destes, foi realizada mais uma visita a campo, dessa vez para entrega e locação deles no terreno. A partir dessa etapa, foi dado início à construção a cargo da própria comunidade, os projetos foram construídos e estão atualmente em uso (Figura 11).

**FIGURA 11**  
Construção Banheiro, Atividades na comunidade



Fonte: produzida pelo autor.

## **CONCLUSÃO**

A extensão universitária realizada demonstrou-se um processo educativo e transformador, articulando teoria e prática em três etapas interligadas. Na primeira etapa, as oficinas ministradas proporcionaram aos participantes um embasamento técnico sobre construção de terra tradicional e contemporânea, conforto ambiental, infraestrutura e saneamento, bem como leitura e interpretação de plantas. Esses minicursos foram essenciais para a formação dos conhecimentos necessários para as etapas subsequentes.

A segunda etapa, composta pela visita de campo, permitiu a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos. Durante a visita, foram abordados aspectos cruciais como a localização do terreno, os impactos das enchentes, as características topográficas e as condições das construções e da infraestrutura urbana. Essa atividade foi fundamental para contextualizar o aprendizado teórico em um cenário real, oferecendo aos participantes a oportunidade de analisar e refletir sobre as condições locais.

Por fim, na terceira etapa, a construção de dois banheiros e uma fossa bananeira consolidou o aprendizado adquirido nas fases anteriores. Essa fase final não apenas materializou o conhecimento teórico e prático, mas também teve um impacto direto e positivo na comunidade atendida, promovendo melhorias em saneamento e infraestrutura local.

Dessa forma, a extensão universitária cumpriu seu objetivo de integrar ensino, pesquisa e extensão, promovendo a aprendizagem significativa e contribuindo para o desenvolvimento social e ambiental da comunidade envolvida.

## REFERÊNCIAS

- ANJOS, Rafael Sânzio Araújo dos. *Territórios das comunidades remanescentes de antigos quilombos no Brasil: primeira configuração espacial*. Brasília, DF: Edição do Autor, 1999.
- ARRUTI, José Maurício. *MOCAMBO - História e Antropologia do Processo de Formação Quilombola*. Bauru: EDUSC; São Paulo: ANPOCS, 2006.
- BARTH, Fredrik 1998 "Os grupos étnicos e suas fronteiras", in POUTIGNAT, P.; Streiffenart, J. (orgs.), Teorias da etnicidade. São Paulo, Ed. Unesp, pp. 185-227.
- BANDEIRA, Maria de Lourdes. Terras Negras: invisibilidade expropriadora. In: *Terras e territórios de negros no Brasil*. LEITE, Ilka B. (org.) Textos e Debates. Florianopolis: NUER/UFSC, ano 1, n. 2. 1991.
- BANDEIRA, Maria de L. *Território negro em espaço branco: estudo antropológico de Vila Bela*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1989.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil: Mito, História, Etnicidade*. São Paulo: Brasiliense. 1986.
- CARNEIRO, Édson. 1988 *O quilombo dos Palmares*. Rio de Janeiro: Companhia Nacional (Brasiliiana, 302).
- CARVALHO, José Jorge de (org.). *O Quilombo de Rio das Rãs: História, Tradições e Lutas*. Salvador: CEAO/EDUFBA, 1996.
- IBGE. Censo 2022: Brasil possui 8.441 localidades quilombolas, 24% delas no Maranhão. IBGE, 19 jun. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40704-censo-2022-brasil-possui-8-441-localidades-quilombolas-24-delas-no-maranhao>.
- LABAKI, Lucila C. *Conforto Ambiental: Fundamentos*. Universidade Estadual de Campinas, 2009.
- LAMBERTS, Roberto; DUTRA, Lúcia; PEREIRA, Fernando O. R. *Eficiência Energética na Arquitetura*. Rio de Janeiro: ELETROBRAS; PROCEL. 2014.
- LIBERDADE por um fio: história dos quilombos no Brasil. João José Reis, Flávio dos Santos Gomes (Orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MINKE, Gernot. *Construções em Terra: Técnicas e Estratégias*. Solisluna Editora, 2022.

**Formato:** 21 x 29,7 cm

**Fontes:** Bricolage Grotesque, Lato, Volkorn

**Extensão digital:** PDF



PPG-AU  
FAUFBA

NAPPE  
NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA E PRODUÇÃO EDITORIAL